



# Misericórdia: opção fundamental para o agir cristão na atualidade

Mercy: fundamental option to christian action today

*Ellton Luis Sbardella\**

*Clélia Peretti\*\**

Recebido: 26/06/2017. Aprovado: 04/12/2017.

**Resumo:** *O presente artigo apresenta reflexões bíblicas e do magistério da Igreja sobre o tema da misericórdia. A misericórdia é o fundamento para os desafios que a fé cristã enfrenta diante das diferentes manifestações de violência na nossa sociedade. O tema da misericórdia está presente na Sagrada Escritura e no Catecismo da Igreja Católica (CIC), o qual nos mostra a concretização da ação misericordiosa de Deus em Jesus para todo ser humano. A Bula Misericordiae Vultus, do Papa Francisco, na proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, apresenta com clareza o rosto da misericórdia de Deus, sua presença e ações manifestas no caminhar e na história do povo. O desafio do cristão hoje é uma prática evangélica da misericórdia, que ofereça respostas de libertação àquilo que fere a dignidade do homem e da mulher.*

**Palavras-chave:** Misericordiae Vultus. Deus é misericórdia. Violência e misericórdia.

**Abstract:** *The present article presents biblical reflections and the magisterium of the Church on the subject of mercy. Mercy is the foundation for the challenges that the Christian faith faces in the face of the different manifestations of violence in our society. The theme of mercy is present in Sacred Scripture and in the Catechism of the Catholic Church (CCC) which shows us the concreteness of the merciful*

---

\* Mestre em Teologia (PUCPR, Curitiba, 2016). Licenciado em Filosofia (Facecla, Campo Largo, PR, 2013). Especialista em Ensino Religioso (Facinter, Curitiba, 2010). Bacharel em Teologia (PUCPR, Curitiba, 2008). Professor no Bacharelado em Teologia do Centro Universitário Uninter, Curitiba.

E-mail: elltonsbardella@gmail.com

\*\* Pós-Doutora (Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche e Pontificia Università Lateranense, Roma, 2015). Doutora em Teologia (EST, São Leopoldo, 2009). Professora do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUCPR.

E-mail: cpkperetti@gmail.com



*action of God in Jesus for every human being. The Bull Misericordiae Vultus of Pope Francis in the proclamation of the extraordinary jubilee of mercy clearly presents the face of the mercy of God, his presence and actions manifested in the way of the people and in his history. The challenge of the Christian today is an evangelical practice of mercy offering answers of deliverance to that which hurts the dignity of man and woman.*

**Keywords:** Misericordiae Vultus. *God is mercy. Violence and mercy.*

## Introdução

O presente artigo apresenta o tema da misericórdia a partir da Sagrada Escritura, do Catecismo da Igreja Católica e da Bula *Misericordiae Vultus* (MV).

A primeira parte do texto apresenta um breve excuro conceitual sobre os termos que a bíblia em seu original utiliza para falar da misericórdia de Deus: *hesed, mishpat, yshu`a e rahmin* no Antigo Testamento e eleos no Novo Testamento, com mais uma breve análise do sentido etimológico da palavra misericórdia. Passando na sequência para a reflexão sobre tema da misericórdia com base no Catecismo da Igreja Católica (CIC), a atenção se orienta pelas quatro partes do Catecismo que aprofundam o tema da misericórdia: profissão de fé, celebração do mistério cristão, vida em cristo e a oração cristã. O catecismo sistematiza os conceitos e a prática da misericórdia, orientando os cristãos sobre a misericórdia em sua vida de fé. Na segunda parte do texto busca-se articular os temas com os pontos fundamentais enfatizados pelo Papa Francisco na *Misericordiae Vultus* (MV), Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia (2015), enfatizando que “a misericórdia de Deus é a sua responsabilidade por nós”. O Pontífice nos recorda que a misericórdia bíblica não é algo abstrato, mas um rosto para reconhecer, contemplar e servir. Em chave trinitária (MV, 6-9) a Bula se aprofunda na descrição da Igreja como sinal visível e crível da misericórdia divina. “A misericórdia é a viga mestra que sustenta a vida da Igreja”, afirma o Papa. E, ainda, nos assegura que “Deus permanecerá para sempre na história da humanidade como Aquele que está presente, Aquele que é próximo, providente, santo e misericordioso”. A terceira e última parte do texto destaca os desafios do cristão face às violências que agredem o ser humano e a necessidade de uma prática cristã de misericórdia, amor e caridade.



## Deus é misericórdia

A palavra misericórdia significa “clemência, piedade”, deriva da língua latina *miserere*, que é o sentimento de compaixão e piedade. Agrupado a cordis “coração”, esse termo latino pode, entre outras formas, ser traduzido por: *coração compadecido*, *coração que tem compaixão para com o outro*; para quem o outro é carus, “*importante, querido, agradável*”, traduzindo na prática o sentido de caritas, “afeto, estima, consideração por alguém”. A nossa época é um tempo oportuno para redescobrir o sentido dessa expressão. A humanidade ferida por tantas “doenças sociais” – pobreza, exclusão, corrupção, relativismo, tem necessidade de misericórdia e daquele “que permanece sempre fiel”, Deus.

Quando lemos no livro do profeta Oséias, “*Porque eu quero a misericórdia, e não o sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que os holocaustos*” (6,6), logo constatamos que o versículo está situado no contexto, que vem desde o capítulo 4, das repreensões do profeta aos sacerdotes, à realeza e ao povo devido à adoração aos deuses falsos. Na perícopes de Oséias fica evidente a rejeição aos sacrifícios e que a relação com Deus passa pelo coração e pelas atitudes, mais do que pelos ritos. O profeta convida a uma profunda mudança de atitude para ver o que Deus quer do homem.

Conforme a tradução da Vulgata o termo misericórdia advém do hebraico *hesed*, que significa o que se pode “fazer” por alguém; tanto a pessoa o faz (Gn 40,14) como também Deus mesmo faz (Gn 24,12). A especificidade desse fazer consiste em ser uma ação realizada sem obrigação, de forma gratuita e benignamente. Outro sentido do termo misericórdia está ligado com *mishpat*, “juízo” ou justiça, que o profeta Miquéias, por exemplo, destacará junto às virtudes que marcam o relacionamento humano com Deus: justiça, misericórdia e humildade (Mq 6,8). O *hesed* está presente na ação daquele que governa e julga, na ação direcionada à libertação, na salvação daquele que é julgado (Gn 19,19 e 40,14); neste sentido temos a conexão com *yshu`a* (ieshuà) “salvação” (Sl 13, 6 e 85,8) e com *rahmin* (rehem “seio”, “ventre”) relacionado à emoção, ao afeto, ao sentimento dos pais pelos filhos, frutos do ventre materno. Conforme a Bíblia, Deus tem *rahmin* para com as pessoas (Sl 103,13; Is 63,7; Os 2,21; Zc 7,9).

O termo *hesed* tem um vínculo também com Aliança (Ex 20, 6; 34,6), e ela própria é assim chamada (Is 55,3). A ação e o favor de Deus



estão presentes na aliança com o povo, e o retorno a ele por parte do povo deve ser também ação e pensamento favorável, fiel e misericordioso, assim como agiu Deus para com o povo desde a libertação da escravidão no Egito. É Deus quem dá origem à história de Israel e o sustenta mediante a aliança que estabeleceu com ele (Is 54, 10; 63,7; Jr 31,3; Mq 7,20).

O Novo Testamento usa *eleos* para referir-se a misericórdia, como aparece no *Benedictus* e no *Magnificat* (Lc 1). *Eleos* é a forma de agir para com o outro. Assim o fez Jesus. Ele aplica Oséias 6,6 ao aproximar-se e conviver com os pecadores, contrariando a pureza ritual, e convida os pecadores a entrarem no Reino de Deus (Mt 9,13). Jesus torna o *eleos* mais importante que a lei ritual (Mt 23,23), condição para o favor de Deus (Mt 5,7; 18,33), demonstração do amor ao próximo (Lc 10,37), abertura para perdoar (Mt 5,7), por ele fazemos boas ações (Tg 3,17). *Eleos* é a vontade de salvação da parte de Deus, que nos envia Jesus, pelo seu amor e não por merecimento nosso (Ef 2,4; 1 Pd 1,3; Tt 3,5); é anterior a nossas ações. *Eleos* na ação humana está ligado ao termo ágape, à manifestação ampla e suprema do amor, e nesse sentido a tradução por misericórdia não abrange todo o sentido desse termo, mas manifesta algo importante de seu significado.

O Catecismo da Igreja Católica (CIC) dedica dezenove números ao tema da misericórdia, enfatizando, assim, uma profunda relação do tema com a profissão de fé, celebração do mistério cristão, vida em Cristo e a oração cristã.

Na parte dedicada à *profissão de fé* o Catecismo destaca textos do Êxodo onde Deus apesar da infidelidade do povo, permanece junto com seu povo, apesar da adoração ao bezerro de ouro (Ex 32), a ira de Deus não se volta contra eles. Moisés proclamará que Deus é lento para ira e cheio de misericórdia. “O Senhor [YHWH] é um Deus clemente e compassivo, sem pressa para se indignar e cheio de misericórdia e fidelidade” (Ex 34, 6). O Deus de Israel é o Deus que tem misericórdia, permanece favorável ainda que o ser humano seja pecador. Jesus é o favorecido dele para a humanidade e revela quem é Deus (Ef 2,4; Jo 8,28)<sup>1</sup>. Na reflexão sobre o artigo do credo em que se afirma que Deus é *Pai todo-poderoso*, o Catecismo evidencia a relação poder-paternidade: sendo Pai, cuidando e protegendo, Deus manifesta seu poder e nisso reside sua onipotência (Mt 6,32). O cuidado de Deus revela seu favor,

<sup>1</sup> Catecismo da Igreja Católica, n. 210 e 211.



sua misericórdia: “serei para vós um Pai e vós sereis para mim filhos e filhas, diz quanto o Senhor é todo poderoso” (2 Cor 6,18).<sup>2</sup>

No anúncio do Reino de Deus é Jesus quem evidencia para o ser humano a misericórdia de Deus. Ele convida para a mesa do Reino os pecadores (Mc 2,17; 1Tm 1,15), chama ao arrependimento e à conversão, mostra as condições para a entrada no Reino, e revela a infinita misericórdia de Deus por meio de seus atos de acolhida e de palavras de renovação. Jesus anuncia a alegria celestial pelos pecadores que se arrependem (Lc 15,7). Ele ama o pecador, a ponto de doar sua vida para a remissão dos pecados (Mt 26,28).<sup>3</sup>

Jesus mostra a Israel a misericórdia de Deus, o cuidado de um Pai, e provoca escândalo ao dizer que sua acolhida aos pecadores era a mesma atitude de Deus (Mt 9,13; Os 6, 6). Senta-se à mesa com estes, e recebe-os no banquete dos céus (Lc 15,1-2; Lc 15,23-32) e, mais que isso, perdoa os pecados, declarando-se assim igual a Deus, uma afirmação terrível para as lideranças religiosas israelitas (Mc 2,7; Jo 5,18; 10, 33; Jo 17,6.26).<sup>4</sup>

Jesus manifesta e clama pela misericórdia de Deus sobre nós. Como Pai ele não quer que nenhum de seus filhos pereça, nem os destina à condenação eterna; esse destino pode, contudo, ser escolhido pela pessoa ao recusar e persistir na recusa, por completo, da vida em Deus.<sup>5</sup>

*Todo o pecado ou blasfêmia será perdoado aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não lhes será perdoada” (Mt 12,31). Não há limites para a misericórdia de Deus, mas quem recusa deliberadamente receber a misericórdia de Deus, pelo arrependimento, rejeita o perdão dos seus pecados e a salvação oferecida pelo Espírito Santo (CIC, 1864)*

Por isso na liturgia da Igreja os fiéis unidos a Cristo suplicam a misericórdia de Deus que deseja a salvação de todos os seus filhos.<sup>6</sup> Na Igreja, na comunidade dos fiéis recebemos a misericórdia de Deus. Como Mãe a Igreja nos educa, vivemos para com ela o espírito de filiação,

<sup>2</sup> Idem, n. 270.

<sup>3</sup> Idem, n. 545.

<sup>4</sup> Idem, n. 589.

<sup>5</sup> Idem, n.1037.

<sup>6</sup> “Aceitai benignamente, Senhor, a oblação que nós, vossos servos, com toda a vossa família, Vos apresentamos. Dai a paz aos nossos dias livrai-nos da condenação eterna e contai-nos entre os vossos eleitos” (CIC, n.1037)



expandimos na graça de nosso batismo, pelo qual participamos da nova vida e nos tornamos membros do corpo de Cristo.

O Catecismo, na parte da *celebração do mistério cristão*, apresenta o Sacramento da Penitência e Reconciliação como a manifesta e permanente ação misericordiosa de Deus em Jesus para todos nós<sup>7</sup>. A dinâmica presente no sacramento é de conversão e penitência. O melhor exemplo para esse movimento é a parábola do filho pródigo, cuja mensagem central é de que Deus é um pai misericordioso (Lc 15,11-24), mesmo diante da atitude primeira de abandono do filho pela ilusão de liberdade, e, mais ainda, diante do gasto irresponsável da sua parte da herança; a experiência da penúria e o trabalho junto aos porcos leva o filho a tomar consciência dos erros e iniciar o caminho da busca da misericórdia, um caminho que envolve pai e filho. O jovem se arrepende, admite a culpa, retorna a sua casa, o pai o acolhe, e assim o faz com alegria e o filho declara-se culpado. Os símbolos da roupa nova, anel e festa são a confirmação da alegria de Deus com a nova vida daquele que o busca. Essa verdade sobre Deus é o próprio Cristo que nos revela (CIC, 1439).

Arreponder-se e declarar-se culpado significa na fé em Jesus ser acolhido por Deus Pai com alegria. As penas eternas pelos nossos pecados são abolidas por Deus, mas na realidade temporal de cada um de nós permanecem os resultados de nossos pecados, somos penalizados pelas consequências de nossas atitudes. Essa condição é o espaço para o cristão exercitar a humildade e a paciência e colocar em prática o amor ao próximo, realizar as obras de misericórdia, tanto corporais, via ações de caridade e socorro aos que mais precisam, como as espirituais, nas orações e práticas penitenciais.<sup>8</sup> Arreponder-se é aceitar a misericórdia de Deus, é colocar a confiança de nossa salvação em Deus, como expressa o primeiro mandamento. Amar a Deus acima de tudo é colocar nele a nossa esperança, é não cair na presunção e no desespero, permanecer na confiança da bondade e justiça de Deus, que não deixa de cumprir suas promessas; mantendo a esperança em Deus e no seu socorro para nossa salvação<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> Na sua solicitude maternal, a Igreja concede-nos a misericórdia de Deus, que supera todos os nossos pecados e age especialmente através do sacramento da Reconciliação. Como mãe solícita, administra-nos também, na sua liturgia, diariamente, o alimento da Palavra e da Eucaristia do Senhor (CIC, n. 2040).

<sup>8</sup> Idem, n. 1473.

<sup>9</sup> Idem, n. 2091.



Acolher a misericórdia de Deus significa confessar as faltas, reconhecer a própria finitude: “Se dizemos que não temos pecado, enganamos-nos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e para nos purificar de toda a maldade” (1Jo 1, 8-9).<sup>10</sup>

Crer e celebrar a fé cristã é viver essa mesma fé, é ter a *vida em Cristo*, a terceira parte do Catecismo. Ser misericordioso é poder realizar a caridade,<sup>11</sup> é colocar em prática as virtudes, vivendo os frutos da caridade: a alegria, a paz e a misericórdia<sup>12</sup>. Viver em Cristo é colocar a misericórdia em prática, agir com caridade para com o próximo em suas necessidades do corpo e do espírito (Is 58,6-7; Hb 13,3). São as obras de misericórdia: instrução, consolo, conforto, perdão e paciência (obras de misericórdia espirituais). Dar comida ao faminto, água a quem tem sede, abrigar os sem moradia, vestir os nus, visitar os doentes e os presos, sepultar os mortos (obras de misericórdia corporais), conforme ensina o Evangelho (Mt 25,31-46), a caridade fraterna é uma ação de justiça agradável a Deus (Mt 6,2-4)<sup>13</sup>.

A vida em Cristo tem o Evangelho como a revelação da misericórdia, ele busca e acolhe os pecadores (Lc 15), veio ao mundo para salvá-los; na anunciação o anjo diz a José que o menino deverá ter o nome de Jesus, pois veio para salvar o povo de seus pecados (Mt 1,21); na Eucaristia proclamamos a nossa Redenção por meio de Cristo: Isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que vai ser derramado por todos para a remissão dos pecados (Mt 26,28). Proclamamos a morte e ressurreição de Jesus, seu sacrifício na cruz (CIC, 1846). Na cruz Jesus Cristo ofereceu o único e perfeito sacrifício, oblação total no amor do Pai para

<sup>10</sup> Idem, n. 1847.

<sup>11</sup> A consumação de todas as nossas obras é o amor. É nele que está o fim: é para a conquista dele que corremos; corremos para lá chegar e, uma vez chegados, é nele que descansamos (CIC n.1829)

<sup>12</sup> Idem, n.1829.

<sup>13</sup> “Quem tem duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma, e quem tem mantimentos, faça o mesmo” (Lc 3,11). “Dai antes de esmola do que possuis, e tudo para vós ficará limpo” (Lc 11 41). “Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem do alimento quotidiano, e um de vós lhes disser: ‘Ide em paz; tratai de vos aquecer e de matar a fome’, mas não lhes der o que é necessário para o corpo, de que lhes aproveitará?” (Tg 2,15-16).



a salvação de todos nós (Hb 9,13-14). Unidos ao sacrifício de Jesus, tornamos nossa vida também um sacrifício a Deus.<sup>14</sup>

A fé em Cristo é que nos justifica diante de Deus pelos nossos pecados, aderimos pela fé ao sinal maior da misericórdia de Deus, de sua salvação, Cristo Jesus. Somos necessitados da Salvação de Deus, somos feridos pelo pecado, mas chamados a bem-aventurança (CIC, 1949).<sup>15</sup>

Pela oração pedimos e experimentamos a misericórdia de Deus. Na oração do Senhor está declarada a forma como vivemos com o Pai e com o próximo: a misericórdia “perdoai-nos as nossas ofensas, assim como perdoamos a quem nos tem ofendido”. O perdão não está em nós se não estiver para o outro a partir de nós, pelo amor que une o corpo indivisível de Cristo, só podemos amar a Deus se amamos o próximo (1Jo 4,20); não perdoar é fechar-se a misericórdia, perdoar é abrir-se a graça de Deus (CIC 2840).

Maria é a companheira de oração e intercessora por nós, ela é a “Mãe de Misericórdia”, é caminho para nossa oração. Ela é que traz Jesus até nós pela sua entrega a Deus, dando seu Filho ao mundo. Maria, que é a Mãe de Deus, é nossa Mãe também, por isso a ele podemos elevar nossas orações, sua oração é por ela e por nós pois confia totalmente em Deus: “Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38)<sup>16</sup>. Assim oramos: “Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte”.

Pedimos a intercessão de Maria e reconhecemos ser pecadores, esse é o espaço para ação misericordiosa de Deus em nossa vida, no hoje e no amanhã, inclusive quando chegar a hora da morte; ela estando conosco como Mãe assim como esteve ao lado de Jesus na cruz, e nos acolhendo (Jo 19,27) e acompanhando até Jesus em glória, a direita de Deus (CIC, 2677).

<sup>14</sup> Para ser autêntico, o sacrifício exterior deve ser expressão do sacrifício espiritual: “O meu sacrifício é um espírito arrependido”. (Sl 51,19). Os profetas da Antiga Aliança denunciaram muitas vezes os sacrifícios feitos sem participação interior (Am 5,21-25.) ou sem ligação com o amor do próximo (Is 1,10-20). Jesus recorda a palavra do profeta Oseias: “Eu quero misericórdia e não sacrifício” (Mt 9,13; 12,7; Os 6,6; CIC, 2100).

<sup>15</sup> Trabalhai com temor e tremor na vossa salvação: “porque é Deus que opera em vós o querer e o agir, segundo os seus desígnios” (Fl 2,12-13).

<sup>16</sup> Idem, n. 2677.





## *Misericordiae Vultus*

Jesus é a face misericordiosa de Deus. A misericórdia tem sua visibilidade em Jesus de Nazaré, que mostra que o Pai é rico em misericórdia (Ef 2,4); olhar para Jesus é ver Deus, o Pai de misericórdia (Jo 14,9). A misericórdia é um mistério, nela temos a paz, alegria e serenidade, por ela Deus se revela, vem ao nosso encontro e nos une a ele. Por isso ao agir com misericórdia nos tornamos ação de Deus na vida dos outros. Essas e muitas reflexões estão presentes na Igreja pela Bula *Misericordiae Vultus* de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia para abertura do Ano Santo em dezembro de 2015.

Na Bula o Papa Francisco lembra que a misericórdia de Deus já se faz presente logo após a queda no pecado. Conforme as Escrituras, Deus não deixou seus filhos vulneráveis ao mal, prometeu o redentor. Papa Francisco lembra de seu predecessor, São João XXIII, quando este na abertura do Concílio Vaticano II, falando da ação da Igreja, destaca o remédio da misericórdia mais que o da severidade; de Paulo VI, que lembra a caridade como a marca da religião cristã. A doutrina precisa estar sempre ligada às necessidades do ser humano, nunca um fim em si mesma. A função da Igreja é anunciar e praticar a misericórdia, aos que estão dentro e aos que se afastaram das comunidades de fé.

O Papa no texto da Bula remete aos textos bíblicos do Antigo e do Novo Testamento com referência clara à misericórdia, dentre eles os salmos. Dá especial atenção ao Salmo 136, cujo refrão repetido após cada verso é: “eterna é a sua misericórdia”, mostrando a história de Israel como uma história de salvação; onde a misericórdia, e não o sacrifício, é a vontade de Deus<sup>17</sup>.

No Novo Testamento, Jesus revela aos homens que Deus é “amor” (1 Jo 4,8.16), tudo em Deus é compaixão, e por Jesus o conhecemos. Jesus cura os doentes, sacia a fome da multidão, ressuscita os mortos, expulsa os demônios, perdoa os pecados e mostra por ações e palavras a importância de perdoar (Mt 18,22). É pelo perdão que nos identificamos como filhos de Deus, perdoar é o agir do Pai e dos filhos. Misericórdia é credibilidade da fé, como trazem também

<sup>17</sup> A propósito é muito significativo o apelo que Jesus faz ao texto do profeta Oséias: “Eu quero misericórdia e não sacrifícios” (Os 6,6). Jesus afirma que, a partir de agora, a regra de vida dos seus discípulos deverá ser aquela que prevê o primado da misericórdia, como Ele mesmo dá testemunho partilhando a refeição com os pecadores.



as bem-aventuranças (Mt 5,7). O anúncio da palavra pela Igreja se concretiza pela misericórdia e compaixão, a tarefa dos cristãos é voltar-se para o cuidado, para o essencial da fé, o amor, assim como fez o bom samaritano.

O Papa São João Paulo II destacou que a autenticidade da vida da Igreja aparece quando se anuncia e se vive a misericórdia (*Dives in misericordia*, 13). A Igreja deve anunciar aquilo que está no coração do Evangelho: a misericórdia e, assim, levará a mensagem de Jesus até o mais profundo de cada pessoa. O amor de Deus em Jesus Cristo é a verdade suprema antes de qualquer outra que as comunidades cristãs devam anunciar e praticar. Onde houver aqueles que professam o seguimento de Cristo, ali o mais necessitado deve encontrar conforto e acolhida, onde há uma Igreja deve haver a vivência da misericórdia. Ser misericordioso como Deus é (Lc 6,36).

Em cada ser humano é possível encontrar a bondade, o que é mal e o que é bem pode ser identificado e individuado em cada pessoa, o ser humano não deve ser definido pelos seus vícios e limitações; assim evita-se o julgamento (Lc 6,37-38), para tanto contamos com a força da Palavra de Deus e da oração, é Deus quem nos ajuda e permite que sejamos misericordiosos, superando nossa própria maldade. Jesus apresenta um projeto de resgate e misericórdia quando na sinagoga lê o profeta Isaías e proclama o ano de misericórdia (Is 61,1-2).

## Misericórdia e fé na atualidade

A misericórdia, destaca o Papa Francisco na *Misericordiae Vultus*, é o mistério que deve ser contemplado, pois nela temos a alegria, a serenidade e a paz: É Deus Pai, Filho e Espírito Santo que se revela a nós pela misericórdia. Ela é um princípio de vida para cada pessoa, para o que se deixa tocar pela miséria do outro e para o que recebe a misericórdia. Através dela, apesar de nossas limitações, experimentamos o amor e amamos.

Uma realidade contrária à misericórdia é a violência, realidade presente em toda a história da humanidade e que se prolonga até os dias de hoje. Muitas são as formas de violência que agridem ser humano.



René Girard<sup>18</sup> em um de seus livros, *A violência e o Sagrado*, evidencia que a violência nas sociedades humanas está presente desde os tempos mais remotos. Para o autor a violência deve ser denunciada, ela não pode ser camuflada sob os mitos e as diferentes formas de sacrifício das pessoas. Segundo Girard, o Deus da literatura judaico-cristã é a divindade antiviolência, o defensor das vítimas. Essa defesa é para ele a peculiaridade da fé cristã, conforme apresenta a Sagrada Escritura, principalmente em Jesus. Segundo ele, o presente momento da história é a oportunidade por excelência de defender incondicionalmente as vítimas de todos os tipos de violência, e o cristianismo, como religião da cruz, deve ser a denúncia e a superação dos ciclos de violência alimentados pelas ideologias e mitos.

As guerras que estão acontecendo atualmente são os exemplos claros da violência e da ausência de misericórdia; em nome de interesses de alguns poucos, milhões são sacrificados, precisam abandonar a pátria, os projetos de vidas e a própria família. Junto às guerras temos as perseguições de ordem política, econômica e religiosa que interferem na liberdade de sociedades inteiras. As relações humanas estão cada vez mais alienadas sob a direção do capitalismo financeiro, que para produzir precisa destruir; as fronteiras culturais estão sendo relativizadas, o senso humanitário parece estar sendo relativizado.

O mercado econômico na abertura do século XXI exige a desumanização, o descuido com o espaço para extrair poder, riqueza e energia (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2016). Essa situação está ilustrada no processo migratório dos povos em fuga das guerras no Oriente Médio (Síria) e da fome e pobreza (África). O processo exploratório do capitalismo, sob o qual procurou-se formas de regulação (direitos trabalhistas, o socialismo, o estado de bem-estar social etc.), principalmente no século XX, desperta agora como um monstro e exige uso ilimitado dos recursos e das pessoas, produzindo um efeito coletivo de desprezo pelo outro, haja visto a radicalização das oposições à entrada de imigrantes na Europa e Estados Unidos, por exemplo. O outro não merece o que é básico para sobreviver, o que é meu eu não divido,

<sup>18</sup> René Girard (1923-2015) é um importante filósofo e antropólogo autor de muitas produções baseadas na história medieval e moderna, na literatura, nas religiões primitivas e nos estudos bíblicos. Ele procurou explicar o que são os seres humanos, como se desenvolvem nossos sistemas culturais, e como podem acontecer as mudanças socioculturais a partir do entendimento do uso da violência e do sagrado. Desenvolveu a teoria mimética do desejo, explicando os mecanismos vitimários (ciclos miméticos), pelos quais perpassa a conjuntura social dos grupos humanos, e como esses elegem o bode expiatório, sobre o qual recai a violência da coletividade.



nem por caridade. É um cenário de antimisericórdia, de negação do amor e do reconhecimento da dignidade do outro, invertendo a lógica da convivência: havendo o outro, isso me desafia a reconhecê-lo e a conviver com ele. Agora não mais: o outro atrapalha e precisa ficar longe ou ser eliminado. Temos assim um holocausto fora dos campos de concentração nazista da Segunda Guerra Mundial; tal holocausto está tomando a consciência de cada um.

Para o cristão permanece o firme fundamento: Jesus Cristo, como manifestação da presença misericordiosa de Deus, revelado desde o Primeiro Testamento e plenamente no Segundo. Jesus conforme o Evangelho situa o amor ao próximo com o maior dos mandamentos. Por isso reintroduzir nas consciências e solidificar nas ações humanas o amor ao próximo é a missão dos cristãos no atual momento da história. Jesus não deixa morrer no pobre e excluído da sociedade o desejo de viver, ele cura e reintegra, vai até eles, quebra o legalismo religioso e promove a vida. Na cruz Jesus enfrenta a violência e a opressão e nela denuncia a violência, morre para fazer nascer a esperança e a certeza da vida, mesmo injustiçado ele fala de perdão e não de vingança, aqueles que na cruz o colocaram precisam de perdão, de ajuda, pois são ignorantes, equivocados. Numa expressão de Girard, os que condenaram Jesus sofrem do equívoco das culturas, a *méconnaissance*, que ainda persiste nos arranjos de justificação da violência.

Os cristãos são chamados a uma tarefa limiar na história: serem alívio aos que sofrem, assumirem de uma vez por todas a defesa daqueles que mais precisam. Partindo das obras de misericórdia corporais e espirituais alavancarem-se para as obras de misericórdia sociais, econômicas e políticas, olhando e ajudando aqueles que estão esmagados pelo peso da exploração e da violência. A verdadeira religião não se ocupa com as disputas de doutrina e poder, mas como lembra a epístola de Tiago é cuidar do órfão e da viúva e não se deixar corromper, ou seja, é ação em favor do próximo, práxis de amor, religar o ser humano à sua dignidade, fazer a vida renascer. Os cristãos neste exato momento da história serão o rosto misericordioso de Deus no seguimento de Jesus, do contrário serão cúmplices das violências e injustiças.

## Conclusão

Refletir e agir com e pela misericórdia é a marca fundamental da ação cristã na atualidade. Não que isso fosse desnecessário



antes, em outros momentos da história, mas hoje os desafios são tão evidentes quantos aqueles desafios de outros tempos que não foram atendidos e agora não têm como serem resgatados. A Bíblia e o ensino oficial da Igreja declaram que a misericórdia e o perdão são os fundamentos da vida cristã e da sociedade enquanto tal, que mesmo secularizada grita pela atuação daqueles que ainda têm a vida como um valor importante. Não é possível furta-se a esse grito, a essa responsabilidade. Seremos anunciadores e aplicadores da misericórdia ou arautos de todo tipo de violência, não por praticá-la mas por não contê-la quando o podemos fazer. A humanidade pede muitas coisas além da misericórdia, mas a partir dela podemos fazer muito. O cristão é chamado a não alienar-se diante daqueles que sofrem e pedem ajuda. O século XXI chama para a práxis, não para o discurso, para o espírito de caridade, não para o rito, para a misericórdia e não para o sacrifício.

## Referências

BÍBLIA SAGRADA: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

GIRARD, René. *Violência e o sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo, 1990.

JOÃO PAULO II. Encíclica *Dives in misericordia* sobre a misericórdia divina, 1980. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_30111980\\_dives-in-misericordia.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html)>. Acesso em: 04 jun. 2017.

JOÃO PAULO II. Encíclica *Dominum et vivificantem* sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e no mundo, 1986. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_18051986\\_dominum-et-vivificantem.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem.html)>. Acesso em: 04 jun. 2017.

McKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. Trad. Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983, p. 562-564.

MENDOZA-ALVAREZ, Carlos. El papel de la existencia kairológica como crítica al sistema hegemónico y a la violencia global. In: VITÓRIO, Jaldemir. GODOY, Manuel (Orgs.). *Tempos do espírito, inspiração e discernimento*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016.



PAPA FRANCISCO. Bula *Misericordiae Vultus* de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia, 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/papa-francesco\\_bolla\\_20150411\\_misericordiae-vultus.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html)>. Acesso em: 04 jun. 2017.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.